

Processos formativos em cinema e audiovisual

DESAFIOS DA ETNOGRAFIA AUDIOVISUAL¹

Bruno Karasiaki Filene²

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: Esta escrita expressa parte de trajetória nos estudos e práticas de etnografia audiovisual, assim como desafios e soluções adotados em trabalhos. Na versão completa assinalo inspirações bibliográficas e cinematográficas que inspiram os estilos usados. Trata-se da descrição do processo de aprendizagem e influências condicionantes de performances com etnografias audiovisuais compartilhadas. Incorporo algumas das referências que consolidaram o amadurecimento na prática. Segue-se o resumo expandido.

Palavras-chave: Etnografia-audiovisual, Antropologia-aplicada, Câmera-Participante, Antropologia-compartilhada, Grupos-restritos

Resumo expandido: Antes que dirigisse meu primeiro curta, participei da construção coletiva de: “Rinoceronte e a Zebra” (2014), “A morte de Lampião e outros causos” (2017), feito com um dos personagens do primeiro filme, e “Okupa UFG” (2016), que tratou das ocupações contra PEC 241 e o congelamento de gastos com ensino público. Finalmente em meados de 2018 e 2019, dirigi meu primeiro curta-metragem sobre terreiros – “Os Catiços: Possessão e Transe”. Os desafios de fazer etnografia em vídeo, são em primeiro lugar a ausência de um estilo previamente definido como modelo. Os estilos se adaptam aos objetivos e elementos ontológicos das tradições culturais pesquisadas, assim como aquilo que se pretende traduzir culturalmente. Esse desafio amplia quando se trata de rituais em grupos secretos. O auto-ocultamento das tradições em questão, tanto as protege da *doxa* intolerante das religiões neocolonialistas hegemônicas, como as auxilia no fator hermético, valorizado por suas propriedades de eficácia na transmissão simbólica. Os significantes permanecem neste hermetismo, assimiláveis pelo axioma simbólico daquela tradição, preservando a moderação dos mestres tradicionais sobre suas *exegesis*.

¹ Trabalho apresentado à 10ª SAU 2021 - Semana do Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás.

² Cientista Social pela Faculdade de Ciências Sociais (FCS/UFG). Mestrando em Performances Culturais pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais (PPGIPC/UFG). Pesquisador de Religiões Africanas no Brasil, de Matriz Africana e Afrobrasileiras. Cineasta-antropólogo, diretor de Os catiços: Possessão e Transe (2018) e Obrigações de Axé (2021). Realizo etnografias audiovisuais desde 2014. Email: brunofilene@discente.ufg.br

Processos formativos em cinema e audiovisual

Falamos especialmente aqui da realização de vídeos no contexto de grupos restritos, que optam por manterem-se em segredo, assim como suas práticas, que são envoltas em mistérios. Uma das vantagens nesse tipo de material é a curiosidade que gera no espectador. Fator que estimula, sendo o filme, um veículo poderoso de visibilização e reconhecimento de tais tradições culturais.

Outro entrave ao acessar grupos restritos para registrar seus patrimônios imateriais é o estigma que carregamos conosco em nossa construção, em muitos casos etnocêntrica e alienada pela mídia de massa, pelo consumismo e migalhas enlatadas de cultura estrangeira, mais enfaticamente a norte-americana que sobressai à valorização da cultura nacional pela mídia burguesa. Há necessidade inerente de criticidade para superação da axiologia hegemônica. Nosso olhar e escuta precisam ser desenvolvidos, sensibilizados e ampliados. Sugiro que enraizadas nas profundidades do ego, atuam espinhosas teias de sentido apriorísticas. Isto é, circulam paradigmas ultrapassados, propagandas, fetichismo da mercadoria, eurocentrismo, etnocentrismos etc. Sem a devida sofisticação ética e crítica visando o relativismo cultural, e a transformação do mundo em suas desigualdades, tais influências afastam nossa percepção da interpretação mais adequada ao particularismo simbólico de grupos tradicionais. O preconceito nos é inerente, o que faz desafiador o treino do olhar para compreender procedimentos rituais, técnicas corporais, e performances culturais dos grupos.

Embora se encontre na periferia das religiões hegemônicas, o candomblé é incorporado profundamente por seus participantes. Os iniciados se tornam uma expressão extensional do panteão mitológico. Filmar o transe requer uma polidez ética *sui generis*. Na mesma medida em que as pessoas são fascinadas por verem as performances de si mesmas incorporadas, depois de feitas as imagens, temem a sensibilidade dessas imagens circulando. Isto faz da negociação desse tipo de material especialmente delicada. Sem falar que entrevistar Orisàs e entidade não é a atividade laboral mais corriqueira, requer aprofundamento teórico e técnico. Contudo, via de regra as pessoas se orgulham de seus Orisàs e entidades, assim como de suas performances culturais.

Uma das soluções metodológicas para essa questão é a produção e edição compartilhada da etnografia em vídeo. Para um pesquisador cuja graduação dura cerca de 4 anos, é laborioso compreender a densidade simbólica de um ritual de

Processos formativos em cinema e audiovisual

Candomblé, Umbanda, Ifá ou Quimbanda. Os elementos são complexos, assim como há regras e fundamentos indizíveis, além de influências invisíveis. Fazendo com que o antropólogo-cineasta adentre numa verdadeira Floresta de Símbolos (Turner, 2005), impulsionando a busca da “unidade simbólica do ritual”, que muitas vezes é propositalmente distribuída em significantes relativos.

Dessa forma a produção compartilhada facilita a construção etnográfica visual, bem como, permite a troca de saberes. Isto porque à medida que editamos e assistimos aprendemos coletivamente. O filme se metamorfoseia visando um resultado documental, dotado de valor de verdade, e que expressa as representações intencionadas pelo grupo. Ainda assim, não é fácil conciliar escrita, agenda de campo e edições. Além do fato de uma mesa de edição não ser um objeto de fácil transporte, para tais edições. Em tempos pandêmicos, como o ano de 2020 e 2021, tem sido ainda mais difícil manter contato com o campo, o que não desvaloriza os desafios enfrentados pela etnografia audiovisual.

Bibliografia:

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF, 2005.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. “**Rouch Compartilhado: Premonições e Provocações para uma Antropologia Contemporânea**”. ILUMINURAS, vol. 14, no 32, março de 2013.